

TORTO ARADO E A PLURALIDADE DE SABERESLouise Branco¹**Resumo**

A obra literária *Torto arado* (2019), de Itamar Vieira, teve grande impacto não apenas na literatura, mas também nas ciências sociais, já que a ficção reflete sobre os principais problemas sociais brasileiros que são classicamente tratados e que foram reatualizados para a contemporaneidade pelo autor. A ficção tem como principal temática a condição de trabalho de uma comunidade quilombola no interior da Bahia, porém é necessário ir além dessa abordagem geral e relacionar com outras temáticas que estão presentes tanto na literatura como na antropologia. Diante disso, dialogo com autores da antropologia contemporânea para pensar sobre as desconstruções e construções de saberes, refletindo sobre o aniquilamento de epistemologias: epistemicídio; e também sobre a emergência de novas epistemologias, incluindo a transmissão de saberes em comunidades tradicionais. Além disso, reflito sobre o tema da educação como um direito básico para comunidades rurais, tradicionais e quilombolas. Por fim, vale ressaltar a importância da literatura para a educação e para a antropologia, ciência que parte da alteridade como fundamento para a troca de conhecimentos.

Palavras-chave: Torto Arado; Antropologia Contemporânea; Saberes; Educação

TORTO ARADO AND THE PLURALITY OF KNOWLEDGE**Abstract**

The literary work of Itamar Vieira, *Torto arado* (2019), had a great impact not only on literature, but also on the social sciences, as fiction reflects on the main Brazilian social problems that are classically treated and that were wonderfully updated for the contemporary world by the author. The fiction has as its main theme the working conditions of a quilombola community in the interior of Bahia, but it is necessary to go beyond this general approach and relate to other themes that are present both in literature and in anthropology. Therefore, dialogue with authors of contemporary anthropology to think about the deconstructions and constructions of knowledge, reflecting on the annihilation of epistemologies: epistemicide; and about the emergence of new epistemologies; including a transmission of knowledge in traditional communities. In addition, I reflect on the issue of education as a basic right for rural, traditional and quilombola communities. Finally, it is worth mentioning the importance of literature for education and for anthropology, science on the part of otherness as a foundation for the exchange of knowledge.

Keywords: Torto Arado; Contemporary Anthropology; Knowledge; Education

¹ Graduada em Ciências Sociais Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestra em Antropologia pela Universidade da Costa Rica (UCR) e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS-UFRN). Email: louise.gomes25@gmail.com

Introdução

Neste artigo², apresento o debate da antropologia contemporânea sobre a escrita antropológica e, articulada a isso, a ideia de que as epistemologias, corpos e sujeitos que foram historicamente excluídos e considerados subalternos agora atuam de forma potente e falam em primeira pessoa. Também discuto, de forma breve, sobre a construção/invenção binária e dicotômica do Ocidente contra o Oriente, do civilizado contra o selvagem, categorias que se retroalimentam e por um longo período na história da antropologia foram seu *ethos*, seu alicerce para a elaboração de seus principais textos e teorias.

Posteriormente, apresento como a antropologia contemporânea questiona os cânones e dar espaço para as narrações em primeira pessoa e, assim, estabeleço uma relação com a obra literária que será discutida aqui: *Torto Arado*, e como essa obra pode ser lida como uma experiência ficcional de caráter antropológico.

A partir disso, exponho o resumo da obra, quais são os tipos de narradoras, em quantas partes está dividido o livro e também resumo a biografia do autor.

Na segunda parte, discuto os processos de colonização e as práticas de aniquilamento físico e epistêmico dos povos que foram colonizados, nomeado pelos autores de “epistemicídio” (SANTOS; MENESES; NUNES, 2004). Outra autora apresentada e que questiona sobre quem de fato é autorizado a falar no mundo moderno-colonial é Spivak (2010), seu texto *Pode o subalterno falar?*, mostra que a violência epistêmica é exercida não apenas pelo colonizador, mas também por acadêmicos que desautorizam constantemente tais sujeitos históricos de transmitirem seus conhecimentos por meio de sua própria voz. Nesse sentido, apresento fragmentos da obra de *Torto Arado* que dialogam com a necessidade de abertura para a pluralidade de saberes dentro da política global de gestão do conhecimento.

Na terceira parte, intitulada “Transmissão de conhecimentos”, discuto com o pensamento de Oyèrónké Oyèwùmí (2004) sobre a organização social e familiar dos Iorubás, que está baseada no princípio da antiguidade/senioridade, e não na divisão binária de gênero: masculino e feminino, como ocorre na construção epistemológica

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

ocidental. A autora fala especificamente sobre a categoria “gênero”, e também sobre como o princípio do respeito e da escuta aos mais velhos articula-se com a transmissão de saberes. Abordo a relevância da transmissão de conhecimentos além daqueles adquiridos na sala de aula, utilizando a experiência de Belonísia, personagem de *Torto Arado*, como ponto de partida.

Por último, no subtítulo “Educação como direito”, recupero a importância de ter acesso a uma educação básica, fundamental e superior de qualidade para as comunidades quilombolas, negras, periféricas, entre outros grupos que foram sistematicamente excluídos. Entrar e permanecer na escola e na universidade é fundamental para a formação de intelectuais negros, como mostra Nilma Gomes (2009) ao argumentar sobre a intelectualidade negra no Brasil e a produção de conhecimento no campo acadêmico e científico.

Vale salientar que alguns fatos narrados no romance são recuperados, de forma fragmentada, neste artigo, para fins de análise. Por isso, recomendo a leitura completa da obra para sua melhor compreensão.

Antropologia contemporânea e *Torto Arado*

A antropologia contemporânea, do começo dos anos 1980, estava preocupada com o processo de escrita antropológica e com a elaboração de críticas contundentes sobre o passado colonial. Sua preocupação era visibilizar as epistemologias, corpos, sujeitos que foram historicamente subalternizados e, sobretudo a partir do seminário de Santa Fé em abril de 1984, tal preocupação passou a ser o horizonte e, simultaneamente, o desafio da disciplina. O antropólogo admitia que escrevia e interpretava olhando para algo a partir de um lugar de fala, de uma posição política e de poder.

Como resultado desse momento histórico, foi organizado por James Clifford (2016) o livro *Writing Culture* (1986), traduzido em português *A escrita da Cultura: poética e política da etnografia*, que teve como tema central a escrita etnográfica a partir dos autores: James Clifford, Mary Louise Pratt, Vincent Crapanzano, Renato Rosaldo, Stephen Tyler, Talal Asad, George Marcus, Michael Fischer e Paul Rabinow.

No texto “Que barulho é esse, o dos pós-modernos?”, Trajano Filho (1987) afirma que Clifford Geertz compreendia a antropologia como texto e a cultura como

interpretação, era um dos cabeças e formou não uma escola, mas uma certa linhagem antropológica preocupada com as polifonias, os estilos literários, e poéticos das etnografias. Na primeira seção do livro *Writing Culture*, Pratt, Crapanzano e Rosaldo, buscaram desmistificar o estilo realista das etnografias clássicas, com maior foco em temas como a constituição da autoridade do autor da etnografia e os recursos estilísticos.

Do mesmo modo, tratavam de reflexão sobre as possibilidades e os limites do conhecimento antropológico contemporâneo com sugestões mais geral e teóricas para o alargamento destes limites. Os ensaios de Marcus e Fischer examinaram de formas concretas as experimentações em etnografia. Finalmente, os ensaios de Asad e Rabinow e as conclusões de Marcus apontaram para o tema mais sociológico da relação entre o experimentalismo e as condições de poder e dominação (TRAJANO FILHO, 1987). Além disso, a produção dos pós-modernos tratou-se um chamado à responsabilidade dos antropólogos e demais profissionais do campo da produção de representações pela forma como caracterizam determinadas sociedades ou grupos sociais (MÜLLER, 2019).

A noção de cultura como texto deram base para as críticas da unilateralidade da autoridade científica e etnográfica, assim como, provocaram a reflexão sobre a crise da representação. Outros temas como o diálogo no texto antropológico partindo da polifonia, e a reestruturação de reflexões sobre o poder e dominação no interior da nossa disciplina, e a responsabilização ética acerca das produções e caracterizações de sociedades, grupos e identidades de outras realidades (TRAJANO FILHO, 1987).

Os pós-modernos reconheceram a posição do (a) escritor (a) e admitiram a falta de neutralidade, questionaram a autoridade etnográfica, e refletiram sobre quem escreve, como escreve e para quem escreve. Suas críticas propiciaram encontros com outros tipos de conhecimento, estudos e produções teóricas literárias e poéticas que valorizam as narrativas polifônicas, a narração em primeira pessoa e a interpretação etnográfica como texto, por vezes, textos ficcionais (GEERTZ, 2008). Nesse sentido, afirma-se que “a etnografia pós-moderna, é um discurso de muitas vozes que evoca uma fantasia que rompe com o mundo do senso comum” (TRAJANO FILHO, 1987, p. 140).

Os debates com o passar do tempo sobre escrita, autoridade e etnografias vão se aprofundando e outros dilemas acompanham, como por exemplo, as tensões entre antropologia e os estudos feministas. Por um lado, as feministas acusam as antropólogas de terem perpetuado um pensamento burguês, conservador e masculino, por outro lado,

as antropólogas acusam as feministas de propagar o etnocentrismo em suas formulações universalistas sobretudo como se fosse uma equação única e operante do sistema patriarcal e as mulheres de todo o mundo. Uma série de acusações são levantadas, e pesquisadoras que se identificam tanto como antropólogas quanto como feminista, precisa viver algumas contradições (MAIZZA, 2017).

As feministas seguem acusando as antropólogas de usarem as experiências narradas pelas pessoas de forma distorcida e subordinada apenas aos interesses de sua disciplina, além de desconsiderarem a “assimetria entre as pessoas que escrevem e as pessoas sobre quem se escreve na Antropologia” (MAIZZA, 2017, p.105). Mas, qual seria então, a contribuição ou mesmo a importância do/da antropólogo/a?

Relatar, escrever de forma densa, a experiência dos outros, revivendo também sua própria experiência em campo como destacado por Maizza (2017), pode ser considerado uma das contribuições da antropologia para compreensão do mundo. E mesmo que os antropólogos não queiram admitir abertamente, o pensamento feminista contribuiu para a compreensão de que a escrita antropológica é situada e pode ser multivocal.

As contraposições entre antropologia e feminismo trazidas por Maizza (2017) possibilitaram o desenvolvimento da escrita antropológica pós-moderna. Mas, não apenas as críticas feministas elaboradas na Europa e nos Estados Unidos devem ser consideradas. Sabe-se, que os estudos pós-culturais e literários, alertaram para a construção histórica sobre a invenção do Ocidente, por meio de metanarrativas e de práticas coloniais. Tais estudos ajudaram a desvendar o Ocidente visto como superior, desenvolvido e civilizado foi imaginado e inventado por narrativas discursivas e oficiais, em contraste às narrativas também inventadas de um Oriente inferior, subdesenvolvido, incivilizado, sujo, pobre, entre outros adjetivos negativos, por isso, o termo: Orientalismo de Edward Said (2007).

O Oriente é, para o autor, construção imagética, discursiva, por meio das novelas, literaturas e dos registros de viajantes e outras narrativas ditas oficiais. Ele foi construído sempre em oposição a outra invenção, o Ocidente, que inventava a si mesmo. Era necessário ter expedições etnográficas ou até mesmo ficcionais que contassem sobre a existência de um Outro: exótico, selvagem, pobre e inferior. Esse outro, selvagem, deveria ser estudado e preservado, sobretudo no início da antropologia.

A formalização da disciplina iniciou e contribuiu com a emergência de um campo simbólico, “*el nicho del Salvaje*” (TROUILLOT, 2011, p.61), que colocou diferentes

povos do mundo como selvagens e, portanto, criou-se a justificativa de sua dominação e a constituição do Ocidente tal como o conhecemos (TROUILLOT, 2011). A compreensão de que era necessário estudar os povos não europeus, distantes, incivilizados, sob o risco de que entrariam em extinção, retirou durante o período dos estudos clássicos antropológicos, o direito de que as minorias pudessem falar e expressar livremente seus desejos e suas formulações culturais e cognitivas.

Naquele período, tais grupos subordinados: mulheres, negros, latinos, asiáticos, africanos, migrantes, indígenas, quilombolas, pessoas LGBTIAPN+, não entravam em grandes debates, nem no acadêmico nem na pauta de acesso a direitos e na formulação de políticas públicas. A antropologia clássica abordou tradicionalmente as diferenças culturais em uma perspectiva unívoca, somente uma voz autorizada para narrar o “discurso nativo”. A disciplina não aceitava a autenticidade radical da narrativa em primeira pessoa ou nem mesmo contestava as verdades canônicas de seu campo (TROUILLOT, 2011).

O presente texto propõe uma análise da obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, à luz de autores e antropólogos contemporâneos que defendem a descolonização do saber. Através de uma abordagem crítica e reflexiva, busca-se contribuir para o debate acerca dos cânones da antropologia e da geopolítica da produção do conhecimento, tecendo diálogos entre a literatura e as perspectivas descoloniais, por meio da obra de autores/antropólogos/as contemporâneos/as que estão, a partir do Sul global, propondo a descolonização de mentes e de práticas sociais.

Torto Arado é uma experiência literária que tece diálogo com a antropologia e assume os atores sociais que pertencem aos grupos mais desfavorecidos como sujeitos de suas próprias narrativas e como potências intelectuais. O conto é narrado por vozes femininas negras que expressam uma pluralidade de vozes ancestrais que não só rompem com o silêncio, como também questionam a supremacia branca, patriarcal e ocidental.

A obra corresponde ao gênero literário de romance e conta sobre o Brasil profundo, objeto de estudo da antropologia, principalmente, em estudos rurais e de comunidades tradicionais: o universo das populações rurais e quilombolas. O livro mostra as desigualdades sociais que são vividas pelos moradores do sertão baiano na região da Chapada Diamantina, em um lugar fictício chamado Fazenda de Água Negra, em um tempo indeterminado. Sabe-se que se passa em um período depois da seca de 1932, como

visto nesse fragmento: “Foi um tempo difícil. Meu pai se referia àquele período como a pior seca desde 1932” (VIEIRA, 2019, p. 67), porém a história também tem um toque de atualidade, já que aborda violências e lutas que são vividas até hoje pela população quilombola, negra e rural.

Na fazenda, viviam trabalhadores que são descendentes de ex-escravizados. Entretanto, esse passado não acabou completamente, já que suas condições de vida são análogas à escravidão, pois trabalham na fazenda sem nenhum direito à terra e nem mesmo às suas plantações. Os trabalhadores têm a obrigação de dar boa parte do plantio, até mesmo as batatas doces compradas por eles na feira, para o dono da fazenda. A narrativa mostra como essa população enfrentou a seca, passou fome, desnutrição, mortalidade infantil, enfim, uma série de problemas que são comuns ao povo nordestino e contados em literatura, como, por exemplo, na obra clássica *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

As personagens principais do romance são Bibiana e Belonísia, duas irmãs negras que, por compartilharem de uma tragédia comum, se relacionam em reciprocidade, cumplicidade, mas também compartilham diferentes tensões emocionais. O livro está dividido em três partes e trata-se de uma obra polifônica. Na primeira parte, intitulada “Fio de corte”, a narradora em primeira pessoa é Bibiana e a parte se inicia com a cena em que as duas irmãs, por mexerem sem permissão na mala da sua avó Donana, encontram uma faca e, encantadas pelo brilho do objeto, acabam levando-o a boca.

A segunda parte, “Torto arado”, é narrada em primeira pessoa por Belonísia, que conta porque decidiu não seguir na escola, mas quis aprender tudo com seu pai, Zeca do Chapéu Grande, curandeiro e líder espiritual que conduzia o jarê³. A personagem emerge como um símbolo da resistência feminina contra a opressão do sistema patriarcal. Através de suas vivências, tanto em sua vida conjugal com Tobias quanto na sua relação de cuidado e cumplicidade com sua vizinha Maria Cabocla, a qual era vítima de violência doméstica.

Na relação com Tobias, Belonísia se encontra envolta em uma teia de controle e submissão. Desde o início do casamento, ela era submetida à vontade do marido, sendo privada de autonomia e liberdade. O ciúme possessivo de Tobias a impede de ter contato

³ O Jarê é uma prática religiosa de matriz africana praticada principalmente na região da Chapada Diamantina. É considerado um candomblé dos caboclos, porém cultua os orixás, os santos e os caboclos. Toda a narrativa de *Torto Arado* passa pelas práticas do jarê, descrevendo momentos de festas e até mesmo dando voz a uma das entidades, Santa Rita Pescadeira. A história do Jarê se relaciona com o garimpo nessa região da Bahia e, por isso, reflete um meio de complexas interações religiosas, como o culto aos orixás, as culturas indígenas e o catolicismo popular.

com outras pessoas, isolando-a do mundo exterior e reforçando sua dependência emocional. A violência física, se manifesta de forma sutil através de micro-agressões e humilhações constantes. Tobias deprecia Belonísia, questionando suas capacidades e diminuindo sua autoestima. As ameaças e a manipulação emocional também se configuram como ferramentas de controle, silenciando a voz da protagonista e reprimindo qualquer tipo de rebeldia.

A história de Maria Cabocla, vizinha de Belonísia, serve como um reflexo da realidade vivenciada por muitas mulheres em situação de violência doméstica. A personagem sofre constantes agressões físicas e psicológicas por parte do marido, Silvério, sem encontrar amparo ou proteção das autoridades. A dor de Maria Cabocla é silenciada pelo medo e pela vergonha, perpetuando o ciclo de violência que a aprisiona. A falta de suporte social e a culpabilização da vítima contribuem para a invisibilidade dessa realidade, impedindo que medidas eficazes sejam tomadas para combatê-la.

Apesar das dificuldades e da opressão que enfrentam, Belonísia e Maria Cabocla representam a força e a resistência das mulheres que desafiam as imposições do sistema patriarcal. Através de suas histórias, o autor nos convida a refletir sobre a necessidade de romper com os padrões machistas e construir uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Já a terceira parte: “Rio de sangue”, é contada pela entidade encantada Santa Rita Pescadeira, dando, assim, a importância da religião de matriz africana, o jarê. As memórias e histórias, ora do passado, ora do presente, eram contadas e retratavam as desigualdades raciais, sociais e de gênero, mas também evocavam as resistências, os saberes plurais, a ancestralidade de seu povo, a reivindicação identitária e a luta pela terra.

Sobre o autor, Itamar Vieira Júnior nasceu em 1979, fez graduação e mestrado em Geografia e obteve seu doutorado em Estudos étnicos e africanos no campo da Antropologia pela Universidade Federal da Bahia. Realizou pesquisas etnográficas sobre a formação de comunidades quilombolas no interior do Nordeste brasileiro. Sua pesquisa etnográfica se deu principalmente no Recôncavo Baiano e na Chapada Diamantina e seu romance traz em forma de ficção as suas vivências antropológicas. Itamar Vieira Júnior também é funcionário do INCRA, órgão responsável pelo processo de regularização de terras destinadas aos povos indígenas, quilombolas e assentamentos rurais, ou seja, pela execução da reforma agrária.

Sua experiência como antropólogo lhe dá ferramentas para escrever uma obra literária que exprime a marca da antropologia – o que confirma que a etnografia avançou tanto para área da sociologia, quanto para o romance e a crítica cultural. Ademais, escrever literatura a partir da experiência antropológica possibilita um despertar do “eu” diante da descoberta de “outros e outras” (CLIFFORD, 2016).

Neste sentido, *Torto Arado* me permite ir além da problematização já nítida no seu enredo: violência no campo, violência de gênero, desigualdade social, disputa e luta pela terra, e discutir sobre a política de produção do conhecimento e sobre a importância da escola como espaço oficial de produção de saber, bem como sobre o acesso à educação para construção de melhores condições de vida. Além disso, a narrativa também permite identificar a tensão entre a produção de diferentes saberes que convivem e que permanecem com sua devida importância.

Saberes plurais e *Torto Arado*

O sistema-mundo moderno/colonial considera a ciência como a única forma de conhecimento válido e, com a ascensão do capitalismo, os critérios de cientificidade passaram a ganhar centralidade no pensamento ocidental. Junto a isto, os processos de colonização aniquilaram pessoas e modos de pensar, o etnocídio e epistemicídio são, pois, heranças da colonialidade (SANTOS; MENESES; NUNES, 2004) que repercutem profundamente na construção da sociedade ocidental. O epistemicídio seria, na prática, a morte de outros conhecimentos, nomeados de “alternativos” diante da ciência moderna, através do extermínio ou subalternização dos grupos sociais que praticavam e praticam tais conhecimentos.

Nos séculos XIX e XX, a Europa e os Estados Unidos se consolidaram como os principais centros de poder no sistema-mundo e denominaram os demais povos de periféricos ou subdesenvolvidos. Assim, tudo aquilo que vinha sendo produzido no Terceiro Mundo era visto como irrelevante ou inferior. O Sul Global sempre produziu conhecimentos científicos e alternativos sobre diversas áreas da vida humana: saúde, educação, filosofia, medicina, entre outros, que, se não forem negados, podem potencializar as soluções para o desenvolvimento de um bem-estar humano e não humano.

Reconhecer a importância dos saberes tradicionais não significa negar o conhecimento científico. Pelo contrário, significa assumir a crise epistemológica e abrir caminho para novos diálogos entre diferentes formas de saberes. Essa busca por uma "ecologia de saberes", como proposto por Boaventura de Sousa Santos, Meneses e Nunes (2004), visa superar a colonialidade do saber e construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

A ecologia dos saberes se configura como um conjunto de epistemologias que reconhecem e valorizam a diversidade no sistema global. Essa perspectiva contrapõe-se às epistemologias hegemônicas, que pretendem impor uma única visão de mundo, e busca fortalecer as epistemologias ditas marginais, que surgem de latitudes longe dos centros de poder. Estes grupos subalternos que antes não tinham voz agora podem se expressar e contribuem para a construção de conhecimentos.

Entretanto, nessa dinâmica de produção de conhecimento ocorrem tensões, descontinuidades e conflitos. Como resultado do colonialismo, assim como do imperialismo, vivemos o resultado de violências contra povos dominados. A violência epistêmica, como conceituada por Gayatri Spivak (2010), surge como uma das consequências do processo colonial e do imperialismo. Ela se manifesta na desautorização sistemática dos sujeitos marginalizados, que silencia suas vozes e invalida seus saberes e os impede de contribuir livremente para o bem comum.

Por outro lado, também podemos observar a resistência à violência epistêmica em *Torto Arado*. Seus protagonistas enfrentam discriminações sociais, de gênero e étnico-raciais, sendo tratados como sujeitos marginalizados em um sistema de exclusão social, privados de direitos à terra e sem reconhecimento dos direitos específicos das mulheres. No entanto, suas experiências narram uma luta pela sobrevivência, e os diversos conhecimentos acumulados por esse povo representam alternativas claras, um conjunto de práticas para o bem-viver e o bem-estar comunitário. Esses saberes são mobilizados pelos personagens para resolver uma variedade de problemas.

Os conhecimentos tradicionais se entrelaçavam com as histórias sobre os encantados, que eram considerados capazes de curar não apenas os moradores da comunidade, mas até mesmo o filho do prefeito da cidade. Alguns personagens detinham esses conhecimentos tradicionais e ofereciam soluções para os problemas pessoais e comunitários, como ilustrado no trecho: “Meu pai passaria longo tempo de luto. As

festividades que conduzia para os encantados em nossa casa foram suspensas. Continuou atendendo aos que chegavam carregados de aflições, querendo um alento, uma reza, um remédio de raiz para curar seus males” (VIEIRA, 2019, p. 30).

O parágrafo anterior destacava a figura de Zeca do Chapéu Grande, pai das protagonistas e líder espiritual respeitado na comunidade, cujo conhecimento sobre as propriedades curativas de raízes e ervas era invocado por todos. O papel do curandeiro envolvia um conjunto de conhecimentos não ocidentais que abrangia observação, fé, espiritualidade, experiência, oralidade, escuta dos mais velhos, transmissão, e práticas constantes de sobrevivência. Esses conhecimentos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento tecnológico, social e humano (SANTOS; MENESES; NUNES, 2004) de sua comunidade, sendo aplicados para promover o bem-estar do grupo.

Itamar Vieira Junior (2019) nos convida a entender um universo permeado por fé, crenças populares presentes na figura do curandeiro Zeca Chapéu Grande, que se torna um símbolo de esperança e cura para os habitantes da comunidade de Água Negra. Zeca Chapéu Grande não é apenas um homem que oferece ervas medicinais e rezas para curar doenças. Ele representa um conjunto de práticas sociais e culturais enraizadas na tradição popular nordestina. Sua atuação transcende a esfera religiosa e se configura como um sistema de conhecimento, capaz de oferecer soluções para problemas de saúde em um contexto de escassez de recursos médicos.

Outra detentora de saberes no romance é Salustiana Nicolau, mãe de Bibiana e Belonísia e parteira, conforme dito no texto: “Naquele tempo, minha mãe já havia assumido em definitivo o ofício de parteira. Meu pai, que era o parteiro até então, transferiu a responsabilidade para Salu” (VIEIRA, 2019, p. 55). Os saberes sobre partos eram transmitidos e compartilhados de geração em geração, sobretudo entre as mulheres.

Salu, aprendiz parteira de Torto Arado, encontra em Donana, sua sogra e avó de Belonísia e Bibiana, uma fonte de sabedoria ancestral. Através da observação dos movimentos precisos de suas mãos, Salu assimila as rezas que acalmam a alma, os segredos das ervas medicinais que aliviam as dores do parto e os cuidados essenciais para com os recém-nascidos. Mas o aprendizado de Salu transcende a mera observação. Ela percebe, em cada gesto de Donana, a presença de uma força maior, o encantado Velho Nagô, que guia suas mãos na hora dos partos e a conecta a um saber ancestral que vai além do mundo físico. Os saberes transmitidos por Donana a Salu, como os destinados

ao tratamento da loucura de Crispina, à cura de doenças e aos cuidados com o parto, não se limitam a um único corpo de conhecimento homogêneo. São plurais, heterogêneos e em constante transformação, renovando-se a cada nova experiência e desafio enfrentado pela comunidade.

Santos, Meneses e Nunes (2004) reforçam essa perspectiva ao afirmar que os grupos sociais constroem e reconstróem seus conhecimentos de forma dinâmica, adaptando-os às suas realidades e necessidades. Essa característica plural e heterogênea dos saberes populares é fundamental para a compreensão da trajetória de Salu e da importância do conhecimento ancestral em suas práticas como parteira.

Os personagens de *Torto Arado* encarnam a resistência contra o monopólio epistêmico. Através de suas vivências e dos desafios que enfrentam, nos demonstram a importância de valorizar os saberes ancestrais para a construção de uma outra sociedade livre e justa. Belonísia aprendeu com seus mais velhos e com sua inteligência e força de vontade, utiliza seus conhecimentos tradicionais para curar e cuidar da comunidade. Bibiana, por sua vez, desafia as normas sociais e se rebela contra a opressão, e dar força para sua própria voz e identidade e acredita na educação como base para a transformação social.

Tais personagens de *Torto Arado* nos leva a posicionar e sustentar os saberes locais, indígenas, quilombolas, os chamados saberes tradicionais, como libertadores e emancipatórios e como fundamentais para acabar com o monopólio epistêmico do Estado Moderno/Colonial. Estes saberes não podem ser reduzidos a manifestações de irracionalidade ou superstições; pelo contrário, devem ser resultado da diversidade cultural e psicológica que temos no/do mundo. Assim, o outro já não será visto como selvagem ou o inferior, mas será mais um caminho, mais uma parte de um processo de criação e de produção do conhecimento.

Outro episódio do romance, este referente a Donana, também pode ser um exemplo de pluralidade de saberes. Como já falado, ela era parteira e raizeira, mas também foi escolhida pelos encantados para colocar um jarê na sua casa – o que aconteceu quando seu filho, Zeca Chapéu Grande, ainda era menino. Ela não atendeu ao desejo das entidades e logo seu filho mais velho enlouqueceu, agia como um animal de caça, gemia e gritava por todo canto, conforme apontado a seguir:

Donana tentou de todo jeito fazer com que o filho retornasse do encanto. Deu-lhe xarope de raízes, consultou curador João do Lajedo, conversou com outros curadores, e todos diziam que não tinha muito o que fazer, que ela estava em dívida com os encantados porque se negava a cumprir sua missão (VIEIRA, 2019, p. 168).

Se fizermos juntos o exercício imaginativo e reler este trecho com as lentes do pensamento eurocêntrico, Donana poderia ser classificada por selvagem e supersticiosa, sua crença vista como arcaica e atrasada e, por isso, passível de ser evangelizada e catequizada – nada diferente do que aconteceu com os povos indígenas e descendentes de escravizados no Brasil. Por outro lado, se lermos esse trecho com as lentes da pluralidade de saberes, vemos que Donana também confiava nos curandeiros para poder mudar seu destino e de seu filho, o que veio a se efetivar na vida de Zeca, que foi curado e acabou herdando o jarê que sua mãe não assumiu.

Transmissão de conhecimento

Os conhecimentos de diversos tipos são partilhados e construídos socialmente (Santos, Meneses, Nunes, 2004). A transmissão de saberes ocorre de pessoa para pessoa, mas principalmente de uma geração para outra, sendo considerada uma herança ancestral. Salu aprendia com Donana os conhecimentos de parteira, enquanto Belonísia absorvia os ensinamentos de seu pai sobre a terra. Apesar dos esforços de seu pai para que ela frequentasse a escola, Belonísia nunca se interessou pelo ambiente escolar. Preferia aprender com seu pai os segredos da mata, das ervas e das raízes, e possuía um entendimento intuitivo sobre as mudanças do clima, observando o céu e a terra. O conhecimento transmitido por seu pai era prático e significativo para sua vida cotidiana.

Por outro lado, os conhecimentos adquiridos por Belonísia na escola não pareciam ter aplicabilidade em sua vida cotidiana, e por isso, não despertavam grande interesse para ela. A personagem era fascinada pelos ensinamentos do pai sobre a roça e a vida na natureza; para ela, o verdadeiro conhecimento estava em constante movimento, e a maneira como era transmitido influenciava diretamente seu desejo de aprender.

O método de ensino tradicional da escola, com conteúdos desinteressantes, tornava a sala de aula um lugar de angústia para Belonísia. A falta de conexão com as aulas e a percepção de inutilidade do conhecimento a desmotivavam e dificultavam seu processo de aprendizado. Ela enfrentava desafios no processo de ensino-aprendizagem

devido à sua condição física, e lamentava a falta de paciência da nova professora da escola, Dona Lourdes, para ensiná-la, em parte devido à sua mudez. Belonísia aprendeu a ler com sua irmã mais velha, que tinha prazer em ensinar e sonhava em se tornar professora.

Belonísia afirmava que tudo ou quase tudo que aprendia na escola não tinha movimento, não lhe serviria: “Não aprendi uma linha do Hino Nacional, não me serviria, porque eu mesma não posso cantar” (VIEIRA, 2019, p. 97). A fala da personagem demonstra a importância da transmissão do conhecimento para a aprendizagem significativa. Quando o saber é transmitido de forma clara, contextualizada e envolvente, os alunos se sentem motivados a aprender e conectar o novo conhecimento às suas experiências e conhecimentos prévios.

Belonísia não se adaptou ao ambiente escolar, preferindo a simplicidade e a riqueza da vida na roça. Ela se encantava com a sabedoria do pai, um homem que aprendia com a natureza e transmitia seus conhecimentos através da oralidade. Zeca Chapéu Grande, mesmo sem nunca ter frequentado uma escola, era um guardião da tradição oral, preservando e compartilhando seus saberes diversos, inclusive sobre as fases da lua e o plantio. Através da escuta atenta, Belonísia e a comunidade reconheciam o valor dessa forma ancestral de transmissão do conhecimento.

Os saberes ancestrais são compartilhados e aprendidos através da oralidade, sendo um exercício constante de escuta. Sabe-se que historicamente os escravizados que chegaram ao Brasil foram trazidos de diferentes povos africanos, entre eles, os Iorubás, os quais vivem no Sudoeste da Nigéria, na região do Benim e em Togo. Dito isso, algumas das práticas e epistemologias vistas na região da Chapada Diamantina e contadas em *Torto Arado* podem ser associadas à estrutura social e familiar dos Iorubás.

A organização social e familiar dos Iorubás valoriza mais o sentido da audição (o processo de escuta) do que o sentido da visão (OYĚWÙMÍ, 2004). Em contrapartida, a sociedade ocidental está estruturada e definida pela visão, pois acreditamos muito mais naquilo que vemos do que naquilo que ouvimos. Por isso, quando olhamos para alguém, buscamos classificar pelo que estamos vendo: se é homem ou mulher em termos de gênero; se é branco, preto ou indígena em termos de raça/etnia. Já a estrutura social e familiar dos Iorubás está baseada em outros princípios. Isso ocorre porque o Ocidente construiu um modelo explicativo baseado no gênero, e esse modelo é rígido, se fixa em

uma lógica binária dicotômica, em que categorias como masculino/feminino, natureza/cultura, civilizado/selvagem, desenvolvido/atrasado são evocadas para explicar o mundo e as relações sociais (OYĚWÙMÍ, 2004).

A estrutura familiar dos Iorubás se define pela senioridade ou antiguidade e não é generificada, ou seja, a família não é definida pelo gênero – o que importa é a relação com os mais velhos. Os mais novos aprendem com os mais velhos e os conhecimentos, hábitos e práticas culturais, as quais são transmitidas dentro da família seguindo uma lógica fluida, que pode ser hierárquica ou não. Por isso, não é considerada rígida ao ser comparada com o modelo estabelecido pela Europa.

Em *Torto Arado*, Belonísia aprendia com Bibiana, sua irmã mais velha, as letras da escola, aprendia com seu pai os saberes da roça e sempre acompanhava e ajudava a sua mãe Salu com os partos. Esse ciclo de interação reflete bem o princípio de troca de conhecimento, do aprendizado e de respeito dentro do núcleo familiar, e do processo de escuta, não apenas dos mais velhos, mas da própria natureza: “Meu pai quando encontrava algum problema na roça, se deitava sobre a terra com o ouvido voltado para seu interior, para decidir o que usar, o que fazer, onde avançar, onde recuar” (VIEIRA, 2019, p.100). O saber é transmitido de forma fluída, no dia a dia, assim como os relacionamentos e as vivências são consideradas contextuais e não rígidas (OYĚWÙMÍ, 2004).

Educação como direito

Considerando a fluidez dos conhecimentos e das relações sociais estabelecidas na sociedade Iorubá e identificadas também nas relações da comunidade quilombola de *Torto Arado*, ao mesmo tempo que a escola é questionada como um espaço de reprodução de conhecimentos que muitas vezes não estão associados a práticas cotidianas, por outro lado, o livro também demonstra a importância da educação escolar/formal para comunidades no interior do Nordeste que vivem em condições socioeconômicas desiguais.

Zeca Chapéu Grande, analfabeto, lutou muito com o poder público para que fosse construída uma escola na fazenda Água Negra, desejava que suas filhas tivessem um futuro diferente do seu. A educação era vista por ele e por Bibiana como uma oportunidade de sair de relações de exploração e de miséria. Zeca tinha curado um dos

filhos do prefeito e não aceitou o pagamento, mas pediu em troca que o prefeito trouxesse um professor para dar aula às crianças da fazenda. Meses depois, chegou uma professora que dava aula três dias na semana e utilizava a casa de dona Firmina. A ficção se confunde com a realidade de comunidades rurais, quilombolas, indígenas e ribeirinhas, entre outras, que não têm direito à educação de qualidade, e que nem sequer há uma estrutura física para que as crianças possam ter acesso ao ensino formal.

Ter um professor ainda não era suficiente para garantir a educação de qualidade para as crianças e adolescentes de Água Negra. Por isso, Zeca Chapéu Grande continuou insistindo na construção da escola. A luta por uma educação na ficção pode ser relacionada com a luta histórica do movimento negro pelo acesso à educação e que, nos anos 90, resultou em uma maior presença de intelectuais negros nos círculos acadêmicos e científicos (GOMES, 2009).

Nesse sentido, garantir o acesso à educação básica é o primeiro passo para, posteriormente, a entrada e permanência de pretos e pretas no ensino superior, inclusive em programas de pós-graduação. A partir dos anos 90, ficou mais visível a formação de uma rede de intelectuais negros/negras que tematizavam a questão racial em diversas áreas do conhecimento, dando ênfase ao olhar crítico do próprio negro/a sobre tais temáticas (GOMES, 2009). Voltando para a ficção de *Torto Arado*, Bibiana queria estudar para ser professora e, no seu tempo, ela realizou o supletivo para ingressar no magistério. Se atualizássemos sua trajetória, ela ingressaria na Educação para Jovens e Adultos (EJA) e depois ingressaria em algum curso de licenciatura em alguma universidade pública ou privada brasileira para ser também uma intelectual e professora influente em sua comunidade e em sua época.

Assim como Bibiana, milhares de jovens negros sonharam em entrar na universidade para mudar sua realidade social e de sua comunidade. Isso aconteceu e vem acontecendo, de forma mais sistemática, há 20 anos, devido à implementação das ações afirmativas que permitiram o ingresso de negros e indígenas nas universidades públicas do país. Agora, entrar não é o suficiente, mas permanecer e tornar-se professor/a universitária tem sido uma nova demanda daqueles que já cruzaram os muros da universidade.

Além disso, entrar na universidade e ser intelectual negro não se trata de apagar a importância dos espaços de construção coletiva de saberes nos movimentos sociais ou na

organização comunitária e familiar, como visto anteriormente na perspectiva de Belonísia. Mas, significa ocupar os espaços da ciência, combatendo a narrativa de pseudoteorias raciais que atestavam uma suposta inferioridade e superioridade racial, a qual foi difundida no final do século XIX e começo do século XX. Dessa forma, os/as intelectuais negros/ as, ao ingressarem na academia, carregam consigo a responsabilidade de dismantelar essa falsa narrativa e construir uma nova, baseada na valorização da diversidade cultural e na luta por uma sociedade antirracista e antipatriarcal.

Graças ao esforço constante de intelectuais antirracistas, essas teorias racistas foram derrubadas e superadas ao longo do processo histórico, mas continuaram repercutindo nas estruturas sociais, nas instituições acadêmicas e na vida e trajetória das populações negras rurais e urbanas, reservando-lhes um espaço menor no mercado de trabalho, nas universidades, nos cargos políticos e em outros lugares na sociedade (GOMES, 2009). Por isso, a fim de combater as desigualdades históricas, sociais e econômicas, reforço a importância da implementação de políticas públicas que pautem a permanência de sujeitos plurais na universidade, não apenas como discentes, mas como docentes, sujeitos produtores de conhecimento. Relembro aqui Bibiana, que sonhava em ser professora para ocupar outros espaços de poder e, a partir disso, possibilitar uma melhor condição de vida para seu povo: uma mulher negra sobe e puxa a outra.

Para Bibiana, o estudo formal traria melhores condições de vida e acesso à terra para os moradores de Água Negra: “Voltaríamos para retirá-los de lá. Seríamos donos daquela fazenda e teríamos o direito sobre ela” (VIEIRA, 2019, p. 79). Essa afirmação, que coloca a educação como um caminho para melhorar a condição de vida, é real, mas não se esgota nisso, uma vez que a educação como direito é a base para a formação de uma intelectualidade plural. É uma aposta em professores/as universitários/as étnico-racialmente diversos, que são capazes de indagar a própria ciência por dentro, problematizando e desarmando conceitos, categorias, teorias e metodologias canônicas ultrapassadas e racistas.

Sonho que está cada vez mais perto, de uma nova geração de intelectuais e professores/as com origens étnico-raciais e identidades de gênero diversas, preocupada em construir diálogos da ciência moderna com os conhecimentos produzidos nas suas vivências e trazendo os saberes ancestrais e próprios para dentro das universidades.

Considerações finais

A antropologia contemporânea estabeleceu rupturas e novos paradigmas de texto, escrita, interpretações e representações. Em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, transcendeu a ficção e configurou a literatura como se fosse uma etnografia ficcional, tecendo um mosaico de saberes ancestrais, vozes marginalizadas e epistemologias outras. Através da narrativa de Belonísia, a obra ecoa as vivências de parteiras, erveiras, curandeiros e praticantes de religiões de matriz africana, reconhece seus saberes e práticas como soluções humanas e não humanas para os desafios da comunidade. O olhar acerca das verdades parciais, dos pós-modernos se confundem com os contos sobre o sertão brasileiro.

A obra também nos convida a refletir sobre a importância da diversidade na produção do conhecimento. O sonho de Bibiana em ser professora nos alerta para a necessidade de incentivar a participação de cientistas e intelectuais negros, indígenas, mulheres trans e outras minorias, cujas preocupações e epistemologias enriquecem e desafiam as visões tradicionais da antropologia.

Torto Arado nos ensina que os saberes ancestrais e as experiências marginalizadas são fundamentais para a formação individual e profissional, de forma complementar e dialógica com os conhecimentos acadêmicos. Assim como Belonísia, uma nova geração de antropólogos surge, pronta para descolonizar a disciplina e trazer novas perspectivas, formas de narrar e epistemologias que rompem com os moldes eurocêtricos.

Esta nova geração convida a antropologia a se abrir ainda mais, a questionar seus próprios padrões e a abraçar a diversidade de saberes e experiências. É um convite à descolonização do conhecimento, à construção de uma antropologia mais justa, plural e engajada com os desafios do nosso tempo.

Assim como Belonísia, existe uma nova geração de antropólogos/as negros/as, indígenas, pessoas trans, entre outras diversidades, que sonham em ser (e que já são) professores universitários e que trarão ou, dito de outra maneira, já trazem para a antropologia outros conhecimentos, outras formas de narrar, que não se encaixam nos moldes europeizados da disciplina e que provocam a ciência que estuda a alteridade a se abrir ainda mais e romper com padrões da colonialidade presentes na política do conhecimento.

Referências

- CLIFFORD, J.; MARCUS, G. *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Tradução de Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens/edUFRJ, 2016.
- GEERTZ, C. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 3-24.
- GOMES, Nilma. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, B. S.; MENESES, P. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina. 2009, p. 419-441.
- MAIZZA, F. De Mulheres e Outras Ficções: contrapontos em antropologia e feminismo. *ILHA Revista de Antropologia*, v. 19, n. 1, p. 103-135, 2017.
- MULLER, P. R.; CLIFFORD, J.; MARCUS, G. A escrita da cultura: poética e política da Etnografia: poética e política da etnografia. *Cadernos de Campo*, São Paulo, Brasil, v. 28, n. 1, p. 302-307, 2019. DOI: [10.11606/issn.2316-9133.v28i1p302-307](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v28i1p302-307). Disponível em: <https://www.journals.usp.br/cadernosdecampo/article/view/158071>. Acesso em: 21 maio. 2024.
- OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. *Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas*. Dakar: CODESRIA, 2004.
- TRAJANO FILHO, W. Que barulho é esse, o dos Pós-modernos? *Anuário antropológico*, v. 11, n. 1, p. 133-151, 1987.
- TROUILLOT, M.-R. La antropología y el nicho del salvaje: poética y política de la alteridad. In: TROUILLOT, M.-R. *Transformaciones globales. La antropología y el mundo moderno*. Cali: Universidad del Cauca, 2011, p. 43-77.
- SAID, E. Introdução. In: SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 13-39.
- SANTOS, B. S.; MENESES, M. P.; NUNES, J.A. Introdução: Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. In: SANTOS, B. S. (org.). *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Porto: Afrontamento, 2004.
- SANTOS. B. S. *A gramática do tempo: Para uma nova cultura política*. Porto: Afrontamento, 2006.
- SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.